

SUA ALTEZA DIVINHA EM: HISTÓRIAS DE CRIANÇAS

Edilene Rodriguez
Camila Wandscher
Isabela Cassimiro
Kayra Ribas

Brincar, pra mim, é ganhar festa de aniversário!
Lucas, 7 anos

Essa epígrafe foi retirada de uma roda de conversa realizada com crianças de 6 a 13 anos de idade, da Turma I (quarta-feira e sábado), do polo Centro Cultural, oriundos da Escola Municipal de Teatro de Primavera do Leste – Mato Grosso, em 2020. Na conversa, ao ser perguntado “O que é Infância? E o que é fazer teatro?”, o aluno Lucas respondeu prontamente que, para ele, era ganhar uma festa de aniversário. “Uma festa de brincadeiras, de momentos livres para criar, se divertir, inventar e imaginar”.

Essa infância presente na fala de Lucas salta aos nossos olhos quando ele fala da brincadeira presente nas aulas de teatro realizadas via formato digital, desde março de 2020, com essas alunas e esses alunos. Essa infância também se concretizou nos processos artístico-pedagógicos criados com eles de forma remota.

As práticas teatrais encontraram um novo formato durante o período de pandemia, e as crianças embarcaram nesse universo assim como nós, adultos. No entanto, como ensinar teatro para crianças de forma *online*? É possível criar teatralidades no mundo virtual? Como se dão os processos artísticos? E os jogos? Essas são algumas perguntas que nós professoras de teatro da Escola Municipal de Teatro de Primavera do Leste – Mato Grosso fizemos a nós mesmas em março de 2020.

No processo de reflexão sobre essas perguntas, compreendemos que o conceito de encenação como prática pedagógica, termo cunhado por Ingrid Koudela, o qual está no cerne das práticas teatrais da escola municipal, encontrou lugar nesse novo formato de ensino. A encenação como prática pedagógica parte do princípio de que eu “aprendo teatro, fazendo teatro”; logo, nós professoras-artistas “aprendemos” a dar aulas de teatro *online* dando aulas de teatro no ambiente virtual em confluência com o que aprendíamos

com as crianças ao nos mostrarem sua casa, seus animais e como elas estavam lidando com esse período.

O processo de criação remota partiu de muito aprendizado, pesquisa, testes e adaptações. Antes, tínhamos contato direto com os alunos e com as alunas, e, agora, como adaptar esse contato para pequenas telas no computador? Como trabalhar o coletivo de forma individual? Inicialmente, os primeiros jogos foram partindo de adaptações conforme íamos descobrindo ferramentas da plataforma que nos possibilitavam separá-los em grupos, enviar mensagens diretas no *chat*, ligar e desligar áudio e câmera, transmitir tela e músicas. A partir dessas possibilidades, surgiu o nosso sistema remoto de ensino e aprendizagem.

Como em qualquer outro experimento, algumas coisas não obtiveram êxito. No modo presencial, os polos em que eram ofertadas as aulas de teatro acolhiam crianças de bairros descentralizados e de vulnerabilidade social, e o teatro fazia o papel de ampliar as perspectivas dessas crianças e, também, de jovens.

Com a pandemia e a imersão ao sistema *online*, perdemos muitos alunos e muitas alunas e a comunicação foi ficando cada vez mais difícil. Tentamos levar jogos por meio de apostilas, mas o que funcionou foram as aulas pela plataforma “ZOOM”, pois a Escola de Ensino estava mandando atividades em apostilas, e o Teatro, nesse meio, se tornou uma forma de entrar em um outro universo e esquecer um pouco das dificuldades da pandemia. As dificuldades e as propostas pedagógicas de ensino estiveram presentes não só na Turma I, mas em outras turmas da Escola Municipal de Teatro também.

Sentimos que a pesquisa com esses alunos e essas alunas deveriam ser compartilhadas para manter a relação que tínhamos presencialmente de mostrar o resultado do trabalho desenvolvido. Realizamos pequenos festivais de modo *online* (Mostra de Cenas Curtas, Esquentinha Velha Joana e Festival de Minuto). Foram nesses festivais que emergiu a proposta cênica que resultou no espetáculo participante do Festival Nova Cena – *Sua Alteza Divinha em: Histórias de crianças*. Esse processo reforça a ideia de resignificação, de resistência, de reinventar, de fazer de novo com um outro olhar sobre a infância, friccionando as possibilidades do teatro com o cinema, com o ambiente virtual, mostrando que o Teatro é vivo, pois ele acontece, aqui, agora.

Por fim, esses processos vêm se encontrar com as nossas encenações como práticas pedagógicas que levaram alegria, compreensão, um pensamento positivo, um respiro para as crianças. Esse espetáculo mostra uma pequena parcela da felicidade em fazer teatro, em como essa arte chegou até as casas das crianças nesses tempos em que brincar junto era difícil. Ao chegarmos no resultado final, vimos a felicidade das crianças, que, mesmo *online*, sentiram aquele frio na barriga que se têm ao subir em um palco. Vimos eles e elas compartilharem com toda a família as suas experiências, pois “Fazer Teatro é ter uma segunda família”, como a aluna Giovanna Campos comentou em uma de nossas aulas de teatro.